

A MULHER CHEFE DE DOMICÍLIO E A INSERÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO

Dois fatos recentes merecem a atenção em relação à questão de gênero no Brasil: o incremento do número de domicílios com chefia feminina e o aumento consistente da presença da mulher no mercado de trabalho. Estes movimentos não se concentram em uma determinada região do país e se referem a uma dinâmica específica das áreas urbanas.

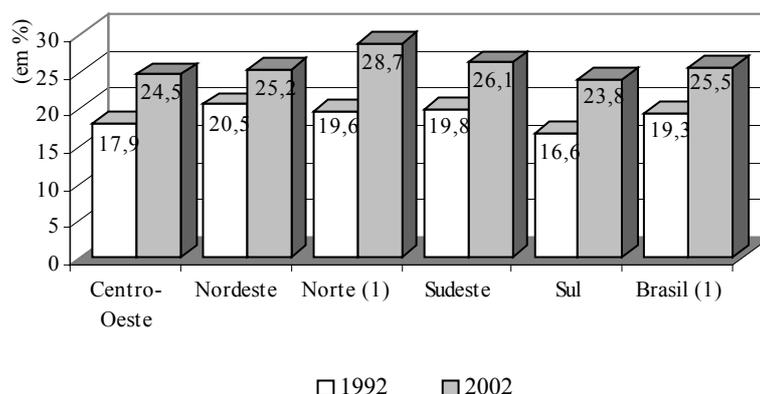
É difícil atribuir uma causalidade direta entre a entrada da mulher no mercado de trabalho e o aumento da chefia feminina de domicílios, principalmente porque ambos movimentos decorrem de inúmeras razões que se ligam entre si: emancipação feminina, maior urbanização, aumento de importância do setor de serviços, importância da renda feminina para complementação da renda familiar, maior desagregação familiar e, até mesmo, opção pessoal, entre outros motivos.

Porém, é possível observar as relações entre os dois movimentos e a mais clara delas reside no fato de os domicílios com chefia feminina apresentarem constantemente renda inferior àqueles chefiados por homens. A origem desta menor renda estaria associada ao próprio perfil da chefe de domicílio, geralmente sem cônjuge, com baixa escolaridade e com maior idade, bem como às dificuldades de inserção feminina no mercado de trabalho, que usualmente se expressam pela maior taxa de desemprego, inserções vulneráveis e menores rendimentos.

OS DOMICÍLIOS BRASILEIROS E A CHEFIA FEMININA

Uma das principais mudanças nas relações de gênero é o expressivo aumento da proporção de domicílios chefiados por mulheres, segundo os dados da PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, realizada pelo IBGE. No Brasil, a chefia feminina estava presente em 19,3% dos domicílios, em 1992, e passou a ocorrer em 25,5% dos lares, em 2002 (último ano cujos dados da pesquisa foram divulgados), com um crescimento da ordem de 32,1%, nesses dez anos. Todas as grandes regiões acompanharam esta tendência, algumas com maior intensidade, como a Norte urbana (46,4%) e a Sul (43,4%), como se vê no Gráfico 1.

Gráfico 1
Proporção de domicílios chefiados por mulheres
Brasil – 1992/2002



Fonte: IBGE - PNAD

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Para, Amapá.

Esse fenômeno ainda está muito concentrado na área urbana, uma vez que 86,9% dos domicílios na área rural eram chefiados por homens, em 2002. Na área urbana, 27,6% dos domicílios possuíam chefia feminina e 72,4%, masculina. Esta tendência se acentuou nas áreas metropolitanas, onde a proporção de chefes mulheres cresce para 31,2% (Tabela 1).

Tabela 1
Domicílios por área de localização e sexo do seu chefe
Brasil - 2002

Grandes Regiões e Brasil	Chefia por Sexo	Área Urbana				
		Áreas Metropolitanas	Demais áreas urbanas	Total	Rural	Total
Centro-Oeste	Mulheres em %	30,4	26,0	26,9	8,9	24,5
	Homens em %	69,6	74,0	73,1	91,1	75,5
	Total em pessoas	574.341	2.422.134	2.996.475	451.824	3.448.299
Nordeste	Mulheres em %	35,1	27,1	29,4	14,1	25,2
	Homens em %	64,9	72,9	70,6	85,9	74,8
	Total em pessoas	2.538.365	6.357.999	8.896.364	3.335.552	12.231.916
Norte (1)	Mulheres em %	35,2	27,9	29,3	-	28,7
	Homens em %	64,8	72,1	70,7	-	71,3
	Total em pessoas	449.403	1.879.869	2.329.272	-	2.411.046
Sudeste	Mulheres em %	30,1	24,2	27,1	13,6	26,1
	Homens em %	69,9	75,8	72,9	86,4	73,9
	Total em pessoas	9.837.541	10.267.090	20.104.631	1.637.432	21.742.063
Sul	Mulheres em %	31,0	24,4	26,3	11,4	23,8
	Homens em %	69,0	75,6	73,7	88,6	76,2
	Total em pessoas	1.908.108	4.477.028	6.385.136	1.340.199	7.725.335
Brasil (1)	Mulheres em %	31,2	25,4	27,6	13,1	25,5
	Homens em %	68,8	74,6	72,4	86,9	74,5
	Total em pessoas	15.307.758	25.404.120	40.711.878	6.846.781	47.558.659

Fonte: IBGE.PNAD

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Para, Amapá.

Em 2002, os domicílios brasileiros possuíam, em média, 3,6 pessoas, 1,5 filhos e havia 1,3 dependente para cada pessoa ocupada. Cerca de 70,0% dos domicílios eram compostos por um núcleo familiar (com um chefe e o seu cônjuge), sendo os demais

30,0%, domicílios chefiados por uma pessoa, sem a presença do cônjuge. A renda familiar era de R\$ 1.373,69 e a *per capita* de R\$ 381,58. Dez anos antes, o domicílio era maior, com quatro pessoas, em média, e a proporção de domicílios monoparentais (isto é, chefiados por uma pessoa, sem cônjuge) era mais reduzida (25,3%).

Os dados da PNAD mostram, também, que, em 2002, do total de mulheres chefes, 87,3% não tinham cônjuge. Para os homens, essa proporção era de apenas 11,1%. As informações apontam ainda que, nos domicílios com chefia feminina, o número médio de pessoas era de 3,0 e de filhos, 1,3 e a taxa de dependência se assemelhava à média brasileira. No entanto, tanto o rendimento quanto a renda *per capita* foram inferiores aos valores médios: R\$ 1.110,49 e R\$ 368,93, respectivamente (Tabela 2).

Tabela 2
Características do domicílio por sexo do seu chefe
Brasil – 1992/2002

Características dos domicílios	1992			2002		
	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem	Total
Situação conjugal (em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Casado ⁽¹⁾	4,2	91,6	74,7	12,7	88,9	69,5
Outras situações	95,8	8,4	25,3	87,3	11,1	30,5
Tamanho do domicílio						
Número médio de pessoas	3,2	4,2	4,0	3,0	3,8	3,6
Número médio de filhos	1,5	2,0	1,9	1,3	1,6	1,5
Taxa de dependência	1,2	1,6	1,5	1,3	1,4	1,3
Rendimento (em R\$ de dez/03)						
Familiar ⁽²⁾	968,67	1.418,78	1.331,06	1.110,49	1.463,80	1.373,69
<i>Per capita</i>	299,90	334,62	329,47	368,93	387,25	381,58

Fonte: IBGE - PNAD

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Refere-se aos chefes com cônjuges e que moram no mesmo domicílio.

(2). Rendimento da família do responsável pelo domicílio, exclusive agregados.

Obs.: a) Inflator: INPC-FIBGE.

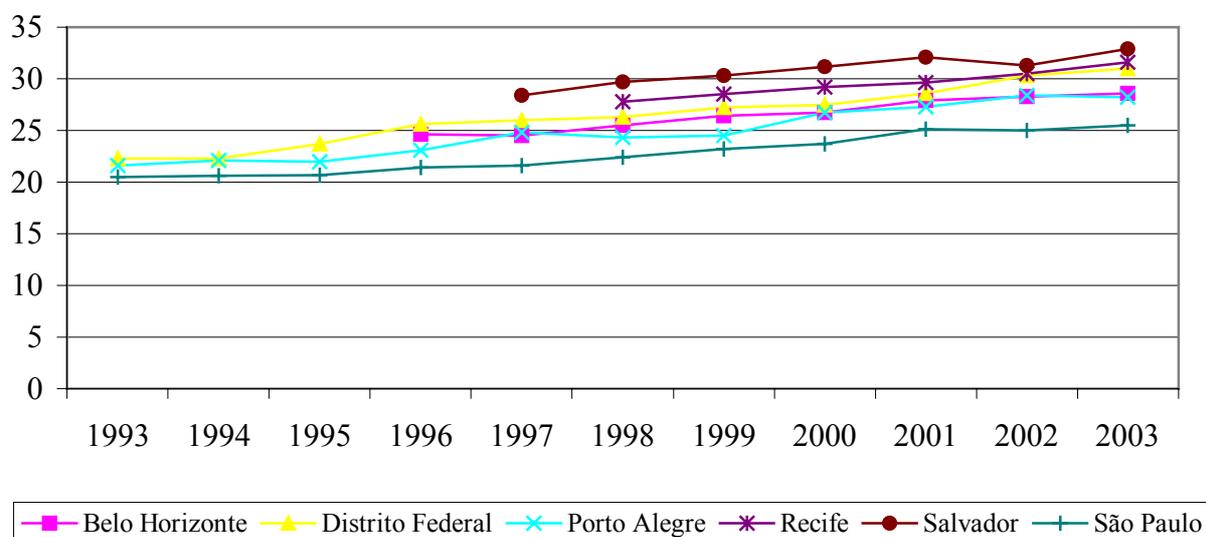
b) Exclui-se a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Para, Amapá

AS CHEFES DE DOMICÍLIO NAS REGIÕES METROPOLITANAS

O crescimento da proporção de domicílios chefiados por mulheres é confirmado pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pelo convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais em cinco regiões metropolitanas e no Distrito Federal. Para esta análise serão utilizados dados do período de dez anos – 1993 e 2003 – para as regiões onde a pesquisa já estava implantada em 1993 (São Paulo, Distrito Federal e Porto Alegre). Na Região Metropolitana de Belo Horizonte a pesquisa começou em 1996, em Salvador em 1997 e em Recife, em 1998. As maiores proporções de chefes do sexo feminino podem ser verificadas em Salvador (32,9%), Recife (31,6%) e no Distrito Federal (31,0%), o que pode ser visto no Gráfico 2.

Gráfico 2
Evolução da proporção de domicílios chefiados por mulheres
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 1993/2003

(em %)



Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: A PED passou a ter dados de anos completos em Belo Horizonte, a partir de 1996, em Salvador, de 1997, e em Recife, de 1998.

A) O PERFIL DAS MULHERES CHEFES DE DOMICÍLIO

Em todas as regiões analisadas, mais de 90% das mulheres chefes de domicílio não possuíam cônjuge. Quando a moradia tem um homem como chefe, a situação se inverte e em mais de 82% dos lares, os chefes eram casados. Isto sugere que, na maioria dos domicílios chefiados por homens, as responsabilidades de gestão do lar eram compartilhadas com um elemento do sexo oposto. No entanto, quando a responsabilidade familiar recai sobre a mulher, o mesmo não se verifica, na maioria dos casos. (Tabela 3)

Tabela 3
Atributos pessoais dos chefes de domicílio e inserção no mercado de trabalho, por sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003

Atributos pessoais do chefe de domicílio		Belo Horizonte		Distrito Federal		Porto Alegre	
		Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Situação Conjugal	Casado ⁽²⁾	3,7	86,1	5,8	86,3	6,4	87,8
	Outras	96,3	13,9	94,2	13,7	93,6	12,2
Cor ⁽¹⁾	Negra	58,1	60,0	64,0	65,2	12,7	10,0
	Não Negra	41,9	40,0	36,0	34,8	87,3	90,0
Faixa Etária	De 15 a 17 anos	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)
	De 18 a 24 anos	3,9	4,8	5,3	6,8	3,9	5,1
	De 25 a 39 anos	20,7	34,1	29,9	40,1	18,4	33,0
	De 40 anos e mais	75,3	61,0	64,7	53,1	77,5	61,8
Nível de Instrução	Analfabeto	11,2	3,7	8,4	4,2	6,7	2,7
	Fundamental Incompleto	46,9	44,8	35,6	32,2	43,7	42,0
	Fundamental Completo + Médio Incompleto	11,8	16,6	15,7	16,8	15,6	19,2
	Médio Completo + Superior Incompleto	19,5	22,9	25,6	29,9	21,9	25,7
	Superior Completo	10,5	12,0	14,7	16,9	12,1	10,4
Inserção no mercado de trabalho	Taxa de participação	53,5	77,4	63,8	84,5	50,4	78,0
	Taxa de desemprego	15,0	10,2	10,0	9,5	14,5	8,9
	Ocupados em inserção vulnerável ⁽⁴⁾	42,5	28,5	35,8	20,6	38,6	24,4
Atributos pessoais do chefe de domicílio		Recife		Salvador		São Paulo	
		Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Situação Conjugal	Casado ⁽²⁾	4,7	89,2	7,9	82,5	5,3	88,1
	Outras	95,3	10,8	92,1	17,5	94,7	11,9
Cor ⁽¹⁾	Negra	66,2	69,4	84,7	84,7	35,8	33,1
	Não Negra	33,8	30,6	15,3	15,3	64,2	66,9
Faixa Etária	De 15 a 17 anos	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)	(3)
	De 18 a 24 anos	2,6	4,7	4,4	5,1	3,1	5,3
	De 25 a 39 anos	18,2	34,6	23,6	37,6	23,3	38,5
	De 40 anos e mais	79,2	60,7	71,9	57,1	73,5	56,1
Nível de Instrução	Analfabeto	21,8	11,2	10,5	5,0	11,3	5,7
	Fundamental Incompleto	42,0	41,9	38,0	37,2	47,8	42,4
	Fundamental Completo + Médio Incompleto	10,3	15,8	11,8	17,3	12,6	17,2
	Médio Completo + Superior Incompleto	18,3	24,1	28,9	31,3	18,5	23
	Superior Completo	7,6	7,0	10,8	9,3	9,9	11,6
Inserção no mercado de trabalho	Taxa de participação	43,7	76,1	59,0	82,1	60,3	83,1
	Taxa de desemprego	16,1	12,2	18,6	16,8	14,7	11,3
	Ocupados em inserção vulnerável ⁽⁴⁾	52,6	32,0	47,6	31,1	44,0	25,6

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Cor negra = pretos + pardos. Cor não negra = brancos + amarelos.

(2) Refere-se aos chefes com cônjuges e que moram no mesmo domicílio.

(3) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria

(4) Relação dos chefes ocupados em situação vulnerável sobre o total de chefes ocupados. Define-se como tendo inserção vulnerável aqueles que são assalariados sem carteira assinada, autônomos que trabalham para o público, trabalhadores familiares não remunerados e empregados domésticos.

Mulheres com um companheiro, que se declaram chefes de domicílio são poucas. Tanto que a proporção das chefes casadas variou entre 3,7% (Belo Horizonte) e 7,9% (Salvador), em 2003.

Além de não possuírem um companheiro, mais de 64,0% das chefes de domicílio tinham 40 anos ou mais. Este dado indica que as mulheres assumem a chefia da casa em idade mais avançada, provavelmente pelo fim do casamento ou pela viuvez. Ainda que a proporção de homens chefes de domicílio com 40 anos e mais também seja a mais elevada – varia entre 53,1%, no Distrito Federal e 61,8%, em Porto Alegre – há percentuais mais significativos de chefes entre 25 e 39 anos – que se situa, em média, em torno de 36%, no conjunto das regiões – que de mulheres, para as quais a proporção varia entre 18,2% (Recife) e 29,9% (Distrito Federal).

De maneira geral, todas as pesquisas indicam que as mulheres têm nível de instrução maior que o masculino. No entanto, quando se considera isoladamente o nível de instrução entre os chefes de domicílios, os dados mostram as mulheres com menos escolaridade que os homens. Em todas as regiões, há concentração de chefes de ambos os sexos que não concluíram o ensino fundamental. No entanto, a proporção de mulheres com esse grau de escolaridade foi maior que a dos homens. Também é maior a proporção de mulheres chefes de domicílio analfabetas, variando entre 6,7% (Porto Alegre) e 21,8% (Recife). Nos maiores níveis de escolaridade, a proporção de homens chefes superou a de mulheres, exceto para o nível superior, nas regiões de Porto Alegre, Recife e Salvador.

Mais velhas e com baixos níveis de escolaridade, as mulheres chefes de domicílio também têm reduzida participação no mercado de trabalho, pois sua taxa varia de 43,7%, em Recife, a 63,8%, no Distrito Federal, indicando que uma grande parte de mulheres chefes está na inatividade. Em contrapartida, mais de 76% dos homens que são responsáveis por seus lares participam do mercado de trabalho, em todas as regiões analisadas. A menor participação das mulheres chefes de domicílio na força de trabalho, combinada com o fato de a maior parte delas estar concentrada em faixas etárias mais elevadas sugere que muitas delas sejam aposentadas ou pensionistas.

Ao mesmo tempo, porém, a taxa de desemprego para estas mulheres tende a ser mais elevada que a apurada para os homens, repetindo para este segmento o mesmo comportamento verificado para o conjunto das mulheres. Independentemente da região, porém, as taxas de desemprego entre chefes de domicílio são normalmente inferiores à apurada para o conjunto da força de trabalho, mesmo porque a chefia de um domicílio torna a necessidade de se exercer uma ocupação (ou de conseguir algum rendimento) praticamente uma obrigação, o que faz com que boa parcela destes chefes se encontre em ocupações vulneráveis, não formalizadas e de baixa remuneração.

Os atributos pessoais dos chefes de domicílio revelam a fragilidade das chefes do sexo feminino, que assumem sozinhas (ou sem um cônjuge) a responsabilidade pelo lar, e têm, em sua grande maioria, idade mais avançada e baixo grau de escolaridade, restando-lhes poucas oportunidades de obter uma inserção formal e sólida no mercado de trabalho. Esta situação se refletirá também na renda do domicílio.

B) OS DOMICÍLIOS NAS REGIÕES METROPOLITANAS

O tamanho médio das famílias vem diminuindo, ao longo dos anos, em quase todas as regiões metropolitanas quando se comparam os dados de 2003 com os apurados no primeiro ano para o qual existem informações das seis localidades onde a PED é realizada. O mesmo comportamento foi verificado quando se analisa a situação dos domicílios chefiados por mulheres. Neste caso, porém, nos dois momentos, o domicílio com chefia feminina é, normalmente, menor que o encabeçado pelo homem. Em 2003, na região de Porto Alegre, o número médio de pessoas era 2,5 para domicílios com chefia feminina e 3,3, com a masculina. Em São Paulo, esse número era 2,7 para aqueles com chefe feminino e 3,5 com chefe do sexo masculino (Tabela 4).

Tabela 4
Rendimento domiciliar, tamanho dos domicílios e rendimento domiciliar *per capita*, por sexo do chefe de domicílio
Regiões Metropolitanas – 1998/2003

Rendimento domiciliar, tamanho dos domicílios e rendimento domiciliar <i>per capita</i>	Chefia por sexo								
	Belo Horizonte			Distrito Federal			Porto Alegre		
	Total	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem
1998									
Número médio de pessoas	3,8	3,2	4,0	3,6	3,1	3,9	3,2	2,5	3,5
Rendimento domiciliar (em R\$)	1.433	1.022	1.581	2.547	1.717	2.863	1.676	1.156	1.842
Rendimento <i>per capita</i> (em R\$)	379	317	398	708	554	734	521	464	534
2003									
Número médio de pessoas	3,4	2,9	3,6	3,4	2,9	3,6	3,1	2,4	3,3
Rendimento domiciliar (em R\$)	1.175	815	1.332	1.971	1.295	2.295	1.406	1.014	1.558
Rendimento <i>per capita</i> (em R\$)	342	278	366	580	447	638	457	415	469
Rendimento domiciliar, tamanho dos domicílios e rendimento domiciliar <i>per capita</i>	Chefia por sexo								
	Recife			Salvador			São Paulo		
	Total	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem
1998									
Número médio de pessoas	3,9	3,4	4,0	3,6	3,2	3,8	3,4	2,8	3,6
Rendimento domiciliar (em R\$)	1.336	964	1.483	1.380	980	1.560	2.173	1.446	2.392
Rendimento <i>per capita</i> (em R\$)	345	281	367	383	306	411	639	516	664
2003									
Número médio de pessoas	3,6	3,2	3,8	3,4	3,1	3,6	3,3	2,7	3,5
Rendimento domiciliar (em R\$)	854	645	953	1.064	820	1.186	1.515	1.024	1.688
Rendimento <i>per capita</i> (em R\$)	236	199	252	313	265	329	459	379	482

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Inflator utilizado: IPCA/BH/YPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; IPC-DESCON/FUNDAJ/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

A Tabela 4 mostra ainda que a renda dos domicílios com chefia feminina é menor que nos lares chefiados por homens, repetindo aqui uma situação comum do mercado de trabalho: as mulheres ganham menos que os homens. Assim, o rendimento familiar nos domicílios chefiados por mulheres situou-se entre 56,4% (Distrito Federal) e 69,1% (Salvador), em 2003, do verificado nos lares chefiados por homens. Da mesma forma, os domicílios chefiados por mulheres registraram renda *per capita* mais baixa que a apurada em moradias encabeçadas pelos homens. Na região metropolitana de Recife, onde se verificou o menor valor de rendimento, a renda *per capita* foi de R\$ 199,00, em Salvador,

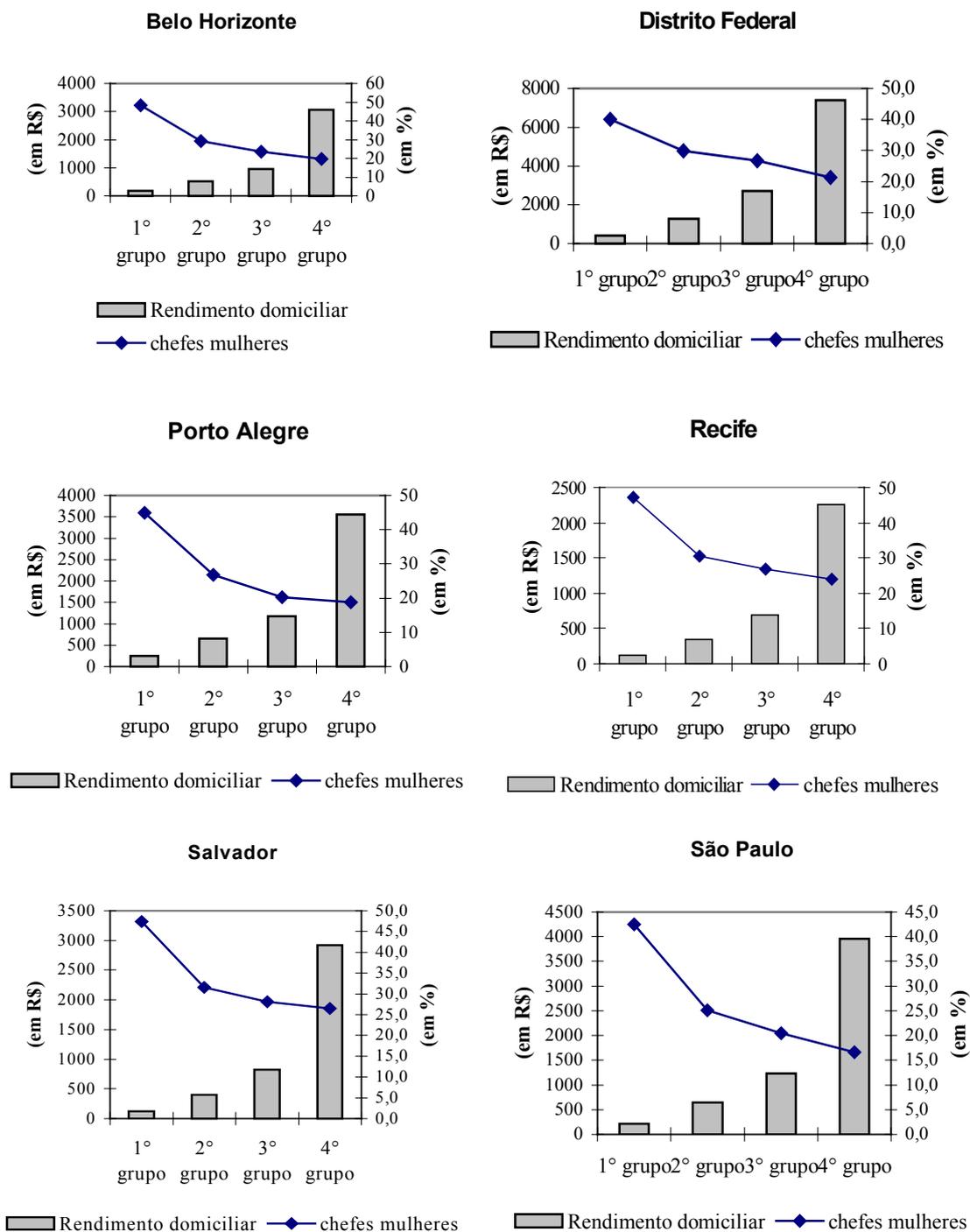
ficou em R\$ 265,00 para os domicílios chefiados por mulheres. Nas mesmas localidades, os lares com chefia masculina, registraram renda *per capita*, respectivamente de R\$ 252,00 e R\$ 329,00.

Além disso, há uma relação inversa entre o rendimento familiar e a chefia de domicílios femininos: quanto menor a renda, maior a proporção de lares chefiados por mulheres. Em São Paulo, nos 25% domicílios mais pobres, 42,2% deles eram chefiados por mulheres e, no caso dos 25% mais ricos, esse percentual diminuiu para 16,6%. O Gráfico 3 mostra claramente essa situação.

A comparação das rendas dos domicílios 25% mais pobres (grupo 1) e 25% mais ricos (grupo 4) permite verificar, como mostra, na seqüência, a Tabela 5, a enorme desigualdade existente em 2003, uma vez que a renda dos 25% mais pobres equivaleu a menos de 7% da recebida pelos domicílios mais ricos em todas as regiões analisadas. Acresce-se a isto o fato de a proporção de chefes de domicílio do sexo feminino ser muito maior no grupo 1, em que: acima de 40% dos chefes eram mulheres, enquanto no grupo 4 o maior percentual foi verificado em Salvador, 26,5% (Tabela 5).

Como grande parte da chefia feminina é feita sem a presença de um cônjuge, ou seja, sem a divisão de responsabilidade, estes domicílios acabam enfrentando maior dificuldade, que se expressa também em outros indicadores: em todas as regiões analisadas, observou-se no grupo 1, uma menor taxa de participação, explicada pela quantidade maior de pessoas inativas; a taxa de desemprego foi maior, apontando a dificuldade de inserção no mercado de trabalho, assim como se verificou alta taxa de dependência, mostrando que um número maior de pessoas (inativas ou desempregadas) dependem do rendimento recebido pelas pessoas ocupadas no domicílio.

Gráfico 3
Domicílios por faixa de rendimento familiar e proporção de domicílios chefiados por mulheres
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 2003



Fonte: DIEESE/SEADE e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: Inflator utilizado: IPCA-BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; IPC-DESCON/FUNDAJ/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

Tabela 5
Taxas de participação, desemprego total e dependência dos membros dos domicílios
do grupo 1 e grupo 4 e distribuição por sexo da chefia de domicílios
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal - 2003

Taxas de participação, desemprego e dependência	Regiões Metropolitanas					
	Belo Horizonte		Distrito Federal		Porto Alegre	
	Grupo 1	Grupo 4	Grupo 1	Grupo 4	Grupo 1	Grupo 4
Rendimento domiciliar (R\$)	174	3.059	205	5.454	242	3.554
Distribuição por chefes (em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefes mulheres	48,4	19,7	44,1	23,6	44,9	18,8
Chefes homens	51,6	80,3	55,9	76,4	55,1	81,2
Taxas						
Participação (em % da PIA)	48,6	62,7	75,1	78,5	nd	nd
Desemprego (em % da PEA)	49,4	9,9	30,0	4,7	nd	nd
Dependência (em pessoas)	4,3	1,0	3,8	1,0	nd	nd
Taxa de participação, desemprego e dependência	Regiões Metropolitanas					
	Recife		Salvador		São Paulo	
	Grupo 1	Grupo 4	Grupo 1	Grupo 4	Grupo 1	Grupo 4
Rendimento domiciliar (R\$)	118	2.263	121	2920	220	3.952
Distribuição por chefes (em %)	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Chefes mulheres	47,0	23,8	47,4	26,5	42,5	16,6
Chefes homens	53,0	76,2	52,6	73,5	57,5	83,4
Taxas						
Participação (em % da PIA)	40,6	57,5	54,7	64,4	52,7	68,8
Desemprego (em % da PEA)	50,9	13,6	57,1	15,1	46,6	9,8
Dependência (em pessoas)	5,5	1,3	4,5	1,1	3,7	0,8

Fonte: DIEESE/SEADE e instituições regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Grupo 1 corresponde aos 25% dos domicílios com menor rendimento familiar.

Grupo 4 corresponde aos 25% dos domicílios com maiores rendimentos

b) Inflator utilizado: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; IPC-DESCON/FUNDAJ/PE; IPC-SEI/BA; ICV- DIEESE/SP.

A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

O persistente aumento da proporção de mulheres que buscam uma carreira profissional, aliado às mudanças na organização das famílias e no papel social das mulheres, sugere que a tendência de crescimento da chefia feminina possivelmente não irá se interromper tão cedo.

No entanto, os baixos rendimentos nos domicílios chefiados por mulheres resultam principalmente da baixa renda do trabalho obtido por estas chefes. Por isso, importa conhecer como a inserção das mulheres no mercado de trabalho viabiliza essas novas responsabilidades no lar. Os dados de mercado de trabalho apontam sempre que a

crescente entrada da mulher na força de trabalho é marcada pela desigualdade de inserção, de remuneração e de oportunidades, com conseqüências diretas sobre a qualidade de vida de suas famílias, sejam elas chefes ou não.

Há uma crescente presença feminina no mercado de trabalho do país e em todas as grandes regiões, expressa pelo aumento da proporção de mulheres na PEA - População Economicamente Ativa – que é composta pela soma dos ocupados e desempregados. Segundo a PNAD, o percentual feminino na PEA era 39,4%, em 1992, e passou para 42,5%, em 2002, o que corresponde a um contingente de 36.531.168 pessoas. Apesar de os homens somarem um maior número no mercado de trabalho, a proporção masculina vem diminuindo em relação à feminina. Em 1992, 60,6% da PEA era masculina, reduzindo-se relativamente em 5,1% no ano de 2002, equivalendo a 57,5% da PEA.

Tabela 6
População economicamente ativa por sexo
Brasil e grandes regiões - 2002

Brasil e grandes regiões	1992			2002			
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total	
Centro-Oeste	Nº	1.872.571	2.998.522	4.871.093	2.537.052	3.665.588	6.202.640
	%	38,4	61,6	100,0	40,9	59,1	100,0
Nordeste	Nº	7.808.286	11.868.417	19.676.703	9.553.837	13.712.007	23.265.844
	%	39,7	60,3	100,0	41,1	58,9	100,0
Norte ⁽¹⁾	Nº	1.101.779	1.739.588	2.841.367	1.884.834	2.671.947	4.556.781
	%	38,8	61,2	100,0	41,4	58,6	100,0
Sudeste	Nº	11.754.507	18.573.743	30.328.250	16.333.652	21.492.853	37.826.505
	%	38,8	61,2	100,0	43,2	56,8	100,0
Sul	Nº	4.947.904	7.044.472	11.992.376	6.221.793	7.982.082	14.203.875
	%	41,3	58,7	100,0	43,8	56,2	100,0
Brasil (1)	Nº	27.482.851	42.222.324	69.705.175	36.531.168	49.524.477	86.055.645
	%	39,4	60,6	100,0	42,5	57,5	100,0

Fonte: FIBGE - PNAD 1992 e 2002

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Excluída a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Para, Amapá.

Também nas regiões metropolitanas, observa-se o crescimento da taxa de participação feminina, que reflete a proporção de ocupados ou desempregados mulheres (PEA) sobre o total da população feminina em idade ativa. Em quase todas as regiões pesquisadas, as mulheres representam mais de 50% da população economicamente ativa, atingindo 58,1% no Distrito Federal. O aumento na participação da mulher, desde 1998 até 2003, atingiu 11,3% na região metropolitana de Belo Horizonte e 8,5% na de São Paulo. Em contrapartida, os homens mostraram estabilidade na taxa de participação, apesar de possuírem taxas maiores que as femininas (Tabela 7).

No entanto, o acréscimo na participação feminina não lhe garante melhor inserção, pelo contrário, verifica-se, sistematicamente, maiores taxas de desemprego para as mulheres, ocupações mais precárias e rendimentos menores.

Tabela 7
Taxa de participação por sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal– 1998/2003

Regiões	1998		2003		Var. 2003/1998	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Belo Horizonte	47,7	68,6	53,1	68,5	11,3	-0,1
Distrito Federal	54,2	70,8	58,1	72,0	7,2	1,7
Porto Alegre	46,1	68,4	49,1	67,8	6,5	-0,9
Recife	43,6	65,8	43,9	63,0	0,7	-4,3
Salvador	52,5	68,7	56,3	70,3	7,2	2,3
São Paulo	50,8	73,3	55,1	73,0	8,5	-0,4

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

Se, por um lado, houve aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, enquanto a dos homens chegou mesmo a cair, as taxas de desemprego, para os dois sexos aumentou, evidenciando que o nível de ocupação não se ampliou o suficiente para inserir toda a população economicamente ativa, independente do sexo. Porém, é nítida a maior dificuldade da mulher em conseguir uma colocação no mercado de trabalho: as taxas de desemprego femininas são estruturalmente superiores às masculinas.

Nos últimos seis anos, porém, o desemprego feminino cresceu mais do que o dos homens. Em Porto Alegre, houve aumento de 8,6% para as mulheres e 1,5% para os homens; em Recife, 8,4% para as mulheres e 5,3% para os homens; e em São Paulo, 9,5% para as mulheres e 6,8% para homens. Na região metropolitana de Belo Horizonte (cerca de 24%) e no Distrito Federal (em torno de 16%), o incremento foi semelhante e, em Salvador, cresceu mais para os homens (14,0% contra 11,1% para as mulheres)

Tabela 8
Taxa de desemprego por sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998/2003

Regiões	1998		2003		Var. 2003/1998	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Belo Horizonte	18,7	13,7	23,3	17,1	24,6	24,8
Distrito Federal	22,1	17,4	25,7	20,2	16,3	16,1
Porto Alegre	18,6	13,7	20,2	13,9	8,6	1,5
Recife	24,9	19,0	27,0	20,0	8,4	5,3
Salvador	27,1	22,9	30,1	26,1	11,1	14,0
São Paulo	21,1	16,1	23,1	17,2	9,5	6,8

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
Elaboração: DIEESE

As mulheres ocupam, em maior proporção, postos de trabalho vulneráveis, representados pelo assalariamento sem carteira assinada, pelo trabalho doméstico, por serviços autônomos voltados para o público e pelos trabalhadores familiares.

A proporção feminina em trabalho com vínculos vulneráveis foi maior que a masculina em todas regiões, devido, principalmente, à presença maciça das mulheres no emprego doméstico e de forma menos expressiva, nos trabalhos familiares. Os homens, por sua vez, estavam ocupados mais como autônomos que trabalham para o público e assalariados sem carteira de trabalho assinada.

Tabela 9
Proporção de ocupados em situação de trabalho vulnerável ⁽¹⁾, segundo sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998/2003

Regiões Metropolitanas	1998		2003	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem
Belo Horizonte	42,9	30,7	41,8	30,9
Distrito Federal	39,5	25,2	36,7	22,7
Porto Alegre	36,1	25,9	35,3	25,6
Recife	50,4	35,5	49,2	35,2
Salvador	50,1	36,2	49,3	34,8
São Paulo	40,5	27,9	41,5	28,4

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego
 Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Inclui os assalariados sem carteira de trabalho assinada, os autônomos que trabalham para o público, os trabalhadores familiares não-remunerados e os empregados domésticos.

A remuneração feminina é sistematicamente inferior à do homem e, em 2003, a proporção do rendimento por hora trabalhada dos ocupados do sexo feminino em comparação aos do masculino variou entre 74,3% (Belo Horizonte) e 83,2% (Porto Alegre). Frente aos dados de 1998, houve maior aproximação das remunerações em Porto Alegre, Salvador e São Paulo e Recife. No entanto, a diferença aumentou no Distrito Federal e manteve-se estável em Belo Horizonte.

Tabela 10
Rendimento por hora trabalhada dos ocupados no trabalho principal, segundo sexo
Regiões metropolitanas e Distrito Federal – 1998/2003

(em R\$ de dezembro de 2003)

Regiões Metropolitanas	1998		2003		Rendimento das mulheres em relação ao dos homens	
	Mulher	Homem	Mulher	Homem	1998	2003
Belo Horizonte	3,83	5,15	3,36	4,52	74,4	74,3
Distrito Federal	5,63	7,10	4,61	5,92	79,3	77,9
Porto Alegre	4,50	5,59	3,90	4,69	80,5	83,2
Recife	3,35	4,56	2,33	2,94	73,5	79,3
Salvador	3,39	4,86	3,01	3,88	69,8	77,6
São Paulo	6,08	8,11	4,29	5,56	75,0	77,2

Fonte: Convênio DIEESE/SEADE, MTE/FAT e convênios regionais. PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Inflator utilizado: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; IPC-IEPE/RS; IPC-DESCON/FUNDAJ/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da crescente participação feminina no mercado de trabalho e do aumento do número de mulheres chefes de domicílio, há uma situação desfavorável para as mulheres: O homem, quando responsável pelo domicílio, dispõe quase sempre da gestão do domicílio compartilhada com o elemento feminino do casal. Já a mulher chefe, além de não desfrutar dessa divisão de responsabilidades para gerir o domicílio, lida com um mercado de trabalho discriminatório em relação ao sexo feminino.

Outro aspecto perverso desse fenômeno é que as chefes de domicílio são, em grande parte, de uma geração em que muitas não haviam sido preparadas para assumir os múltiplos papéis que essa posição exige. Elas possuem um perfil mais maduro e baixa escolaridade *vis-à-vis* as demais mulheres e os chefes do sexo masculino.

O quadro atual indica que a questão do sexo feminino na chefia do domicílio está inversamente correlacionada com o rendimento domiciliar: nos 25% domicílios mais pobres, pouco menos de metade são chefiados por mulheres. O baixo nível de renda revela as dificuldades vividas por essas famílias.

Desta forma, políticas públicas que contribuam para a redução de desigualdades de renda e que atinjam os lares mais pobres seriam úteis, uma vez que podem atingir grande parte dos domicílios chefiados por mulheres em situações mais desfavoráveis.

Ainda, a igualdade de oportunidades e a equidade da remuneração no mercado de trabalho têm um papel relevante para desvincular a relação inversa atual entre renda domiciliar e chefia feminina, além, é claro, de contribuir para uma distribuição de renda mais equitativa na sociedade.